

MAPAS DE MORADAS INVISÍVEIS: PROCESSOS E COMPOSIÇÕES DE UMA CARTOGRAFIA ANDARILHA¹

Carolina Datria Schulze
Universidade do Estado de Santa Catarina
datriacarol@gmail.com

Ana Maria HoepersPreve
Universidade do Estado de Santa Catarina
anamariapreve@gmail.com

RESUMO:

O texto apresenta os movimentos de uma pesquisa em educação e geografia que busca fazer aparecer uma cartografia andarilha composta pelos saberes de experiência dos habitantes das ruas. Para isso, nos aproximamos de uma escala mais próxima do sujeito, fazendo aparecer as forças invisíveis que tecem o espaço urbano. A partir de entrevistas com moradores de rua que frequentam o Centro POP de Joinville/SC e de composições fotográficas, foi possível colocar em movimento uma noção de educação e aprendizagem que não se limita as questões acadêmicas e escolares. Essas fotografias, tidas aqui como fotografias-mapas, torcem as linhas duras dos mapas cartesianos e faz surgir um atlas composto pelos movimentos vivos de sobrevivências.

Palavras-chave: moradores de rua; aprendizagens de rua; fotografia-mapa; cartografia andarilha.

INTRODUÇÃO

Compor é como fazer uma casa. É desenhar um lugar. Os elementos para esta operação, cada um os toma de um canto. [...] É como desenhar um espaço físico, como demarcar um território, um nicho. Algumas folhas são reviradas, alguns gravetos são quebrados, faz-se xixi em alguns cantos, espalha-se um cheiro pelas bordas do lugar, descascam-se algumas árvores, desfolha-se alguns galhos, cavam-se alguns buracos.

(Silvio Ferraz – Livro das sonoridades)

A velocidade delirante da vida cotidiana nos leva a percorrer os lugares sempre da mesma forma, olhando as mesmas coisas, “[o] espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele” (SENNETT, 2001, p.17). Nessas velocidades, detalhes de uma cidade dissipam, topografias são anuladas e as forças que sacodem os habitantes em seus lugares se esvaem. Seguindo por essa

¹ O presente texto é uma adaptação para o formato artigo de parte uma parte da monografia *Geografias de uma cidade não vista: composições e ocupações do espaço urbano por moradores de rua* escrito e orientado, respectivamente, pelas autoras. Assim, esclarecemos que alguns trechos permanecem iguais ao original. Cf. SCHULZE, 2015

Esse trabalho, vinculado à rede de pesquisa Imagens, Geografias e Educação e ao grupo de pesquisa Geografias de Experiência, contou com o apoio de bolsa oferecida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC/UDESC - 2013 e 2014).

perspectiva, as cidades, de longe, cada vez mais se parecem todas iguais, o que nos leva a questionar: “[...] o quanto uma cidade preserva ainda seu caráter de exterioridade, o quanto ela comporta de virtualidade, o quanto ela constitui ainda um meio a ser explorado, o quanto ela se presta, todavia a novos trajetos, a novos traçados de vida?” (PÉLBART, 2000, p. 45). Na busca por esses traçados de vida, devemos dirigir nosso olhar para a rua, mais precisamente, para o habitar a rua.

Os motivos que levam um indivíduo a adotar a via pública como moradia são os mais diversos e complexos: violência doméstica, abuso de álcool e drogas, desemprego, assalto na chegada de uma nova cidade, desastre natural, perda de uma pessoa querida e até mesmo uma desilusão amorosa. A visibilidade desses seres invisíveis é tanto uma ameaça, quanto um incômodo, pois eles nos lembram do quão frágil é a plenitude humana e que qualquer indivíduo é um morador de rua em potencial.

Essas pessoas vivem em contínua oposição às estratégias políticas e econômicas que regem os códigos sociais e urbanos contemporâneos. A ausência de bens materiais e simbólicos e a fragilidade das relações sociais e afetivas, os coloca num incessante embate com os códigos sociais preponderantes que marcam as tradições identitárias convencionais (propriedade, família e trabalho). “Moradores de rua são tidos como “fora do lugar”, desencaixados espacial e simbolicamente porque sua visibilidade é traduzida como uma ameaça às definições normativas do espaço urbano” (FRANGELLA, 2009, p. 15).

Ruas, calçadas, marquises, praças, embaixo de pontes e viadutos: locais habitualmente concebidos como de passagem, são esvaziados de seu sentido comum e passam a abrigar casas que também fogem do significado convencional. Aqui a noção de privado e público se confundem e se mesclam, não cabendo o conceito de casa como um lar, um lugar privado formado por quadros, paredes e um teto. Moradores de rua são como os detalhes que sobram quando tudo desaba, criando habitações no meio desse resto, com aquilo que tinham em mãos.

Ao abrir um anúncio turístico sobre qualquer cidade não vemos imagens que remetam a sujeira e pobreza, tampouco mostram sujeitos que tem a rua como morada. No entanto, basta atravessar qualquer estrada ou adentrar em qualquer cidade para conseguir identificar a presença desses sujeitos. A sociedade rejeita aqueles que vivem na periferia social por não se enquadrarem nas leis de controle social, já cristalizadas no senso comum. Entretanto muito pouco se conhece sobre o olhar que esses indivíduos direcionam para a cidade e à sociedade, tampouco se sabe qual a imagem dá conta de rerepresentar a cidade vista por esses sujeitos (e ao mesmo tempo não vista por nós) e todas as suas dinâmicas.

Esse trabalho busca dar relevância ao que se passa nas ruas, contado por pessoas que nela constroem casas e as habitam da maneira como é possível. Através do contato com moradores de rua do município de Joinville², Santa Catarina, nos aproximamos de um modo de compor e habitar a cidade que não aparece em mapas oficiais e cartões-postais, mas que nos revelam uma noção de aprendizagem em geografia composta pelos saberes da rua. É disso que se trata esse trabalho, de fazer aparecer, através de uma cartografia outra,

²É preciso esclarecer que essa pesquisa foi feita em dois momentos, o primeiro ocorreu com pacientes internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis e o segundo com moradores de rua que frequentam o Centro POP de Joinville. No presente texto apenas o segundo momento da pesquisa será abordado, no entanto, o leitor interessado no primeiro momento poderá ler o artigo publicado na revista Geografares cf. SCHULZE; PREVE (2013) ou o trabalho completo da pesquisa na monografia cf. SCHULZE (2015).

as composições e experiências de sujeitos considerados inúteis para a lógica capitalista de produção e consumo.

CARTOGRAFIAS ANDARILHAS

Mapa é imagem. Tangível, virtual ou mental evoca, sempre, a imagem de um território. A noção de território aqui é a mais ampla possível, podendo referir-se tanto aos recortes de natureza político-administrativa/jurídica [...] como ao conjunto de elementos articulados em dimensões culturais e simbólicas

(GIRARDI, 2009, 147).

Nesse tralhado buscamos explorar uma nova maneira de olhar, sentir, experimentar e viver a rua. Desse modo, faz sentido falar de um outro modo de grafar o espaço mais relacionado com os processos de compor para si um lugar na cidade e mais distante da cartografia cartesiana. “De que modo dizer o mundo com um mapa que se contenta em representa-lo e reduzi-lo a convenções conceituais?” (ONFRAY, 2009, p.19). Ora, se os mapas oficiais não nos mostram as cidades habitadas por moradores de rua devemos buscar uma outra forma de apresentar as composições de suas cidades. Pensamos aqui em uma cartografia que “menos do que descrever o já visto, ou dar um contorno e uma localização ao já existente, parece haver nela [na cartografia], primeiro, o impulso de trazer algo novo para o mundo” (GODOY, 2013, p. 209).

Na busca por uma imagem/mapa capaz de apresentar o habitar a rua, foram feitas fotografias de lugares citados pelos entrevistados, dos seus inseparáveis galos³, dos seus carrinhos e casas temporárias. São fotografias-mapas inseridas em um contexto de espacialidade, por apresentarem as sutilezas com que moradores de rua criam seus espaços na cidade. Originalmente, todas fotografias são coloridas e para apresentação nesse trabalho foram editadas digitalmente para preto e branco, além do tamanho reduzido.

Nesse sentido, lhes atribuímos o ‘título’ de fotografias-mapa, por comporem uma imagem das espacialidades do viver na rua. Para compreender a potencialidade dessa cartografia, é preciso arranhar a noção de mapas cartesianos até que “as referências tornam-se móveis e o próprio móvel já não é uma questão de posição, mas de relação” (GODOY, 2013, p. 212). Pela ótica da cartografia oficial, fotografias-mapas tratam-se de mapas inúteis por não abarcarem representações georreferenciadas, “mas um mapa de uma geografia não é aquela geografia – ou aquele espaço – mais do que uma pintura de um cachimbo é um cachimbo” (MASSEY, 2013, p. 160).

Nota-se que nos mapas convencionais, há uma predominância da valorização de fenômenos na superfície da Terra, “[a]ssim, os fenômenos, mesmo os sociais, compõem a ‘natureza’ daquele ponto ou recorte e esse fato permite que sejam ‘representados’ nos moldes clássicos da Cartografia” (GIRARDI, 2013, p. 81). Essa “representação” da realidade ganha título de verdade e legítima um discurso político-administrativo em favor do Estado dentro da Geografia, conforme apontado por Oliveira Jr (2012). Desse modo, a cartografia oficial se apresenta como Cartografia maior, enquanto que a cartografia andarilha aqui proposta pode ser tida como parte de uma Cartografia menor, tomando emprestado os conceitos de menor e maior de Deleuze e Guattari (1995). Para os filósofos, o conceito de maior não tem sentido de superioridade ou de mais importante, mas

³ Gíria usada para mochila.

sim, de hegemonia, estabilização, constância. O menor é o que faz expandir, desestabilizar, dilatar o maior. “A Cartografia menor é, então, esse movimento da crítica, da criação, da incorporação do maior para fazê-lo dizer outra coisa, de desestabilização do representacional” (GIRARDI, 2013, p. 81). O devir só é possível na minoridade, as linhas de fuga são vias de expansão do maior.

No entanto, ao contrário dos mapas cartesianos e seu caráter informativo, a cartografia aqui proposta não pode apresentada dissociada dos seus movimentos-procedimentos de traçar as linhas (PREVE, 2012). Neste caso, as cartografias das fotografias-mapas apresentam os processos que nos movimentam intensivamente para o espaço habitado das ruas, através de linhas e falas que mostram sobre a vivência na rua. O que está posto aqui são as forças de topografias invisíveis que buscam criar um pouco da atmosfera dessa cidade que não se vê, que se torna invisível porque sua visibilidade é traduzida como uma ameaça à ordem urbana.

As fotografias-mapas dessa cartografia estão organizadas nesse trabalho no formato de um pequeno atlas. Esclarecemos que a noção de atlas que acompanha essa pesquisa é inspirada no livro Atlas⁴ de Jorge Luis Borges, cujo livro/atlas é composto por um conjunto de fotografias e textos, “[n]ão se trata de uma série textos ilustrados por fotografias nem de uma série de fotografias explicadas por uma epígrafe. Cada título abarca uma unidade, feita de imagens e de palavras” (BORGES, 2010, p.09). Nosso atlas se encontra no final desse texto e para que o leitor se encontre com ele, é preciso percorrer o leito desse trabalho para compreender os processos que nos levaram até essas fotografias-mapas.

PERCORRENDO A RUA: ANDANÇAS

Falamos de construir o lugar, de fazer um canto, de girar em torno de um centro, e tudo isso só surge porque, antes do lugar, está a presença constante de linhas que me tiram do lugar. Que linhas são essas?

(Silvio Ferraz – Livro das sonoridades)

Todos moradores de rua – respeitada a heterogeneidade cultural e identitária de cada habitante das ruas, assim nomeados genericamente pela necessidade categórica da pesquisa – tem uma dinâmica própria de deslocamento errante nas cidades e estradas, podendo ser contínuo ou intermitente. Este trabalho, à sua maneira, também é fruto de deslocamentos nômades que o olhar para a rua nos proporcionou. Tais deslocamentos são atravessados por leituras, cartografias e experiências de um modo de habitar a cidade que não é visto pelas forças político-turísticas. Todos esses atravessamentos são o que compõem essa pesquisa, que aqui chamamos de andança.

Uma andança consiste em caminhar, perder-se entre pulsações, construir moradias provisórias ou fictícias, criar conexões nas franjas dos territórios, percorrer o invisível. Fazer uma pesquisa/andança é viajar por suas cartografias, recolher coisas pelo caminho e perde-las ou abandoná-las em seguida, é trabalhar com aquilo que nos surge, com o que tem em mãos. “Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no

⁴ “O que era um atlas para nós, Borges? Um pretexto para tramar na urdidura do tempo nossos sonhos feitos da alma do mundo. Antes de uma viagem, olhos fechados, unidas as mãos, abríamos ao acaso o atlas e deixávamos que as gemas de nossos dedos adivinhassem o impossível, a aspereza das montanhas, a higridez do mar, a mágica proteção das ilhas. A realidade era um palimpsesto da literatura, da arte e das recordações de nossa infância, tão semelhante em sua solidão” (Jorge Luis Borges – Atlas).

acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transbordam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73). É preciso caminhar pela pesquisa como moradores de rua caminham pelas ruas,

Em nossa andança seguimos para a cidade de Joinville, localizada na região norte de Santa Catarina, nosso destino é o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua de Joinville (Centro POP)⁵, localizado no bairro Bucarein, próximo a região central da cidade. Foi no Centro POP que encontramos a possibilidade de realizar entrevistas com moradores de rua sem nos expor aos possíveis riscos de uma abordagem direta na rua⁶.

Ao todo formam 12 dias dedicados a entrevistas e observação, onde foi possível realizarentrevistas com 15 moradores de rua, sendo que com quatro houve um diálogo maior e mais próximo. Para não inibir os entrevistados, nenhuma entrevista foi assistida por gravadores de áudio e as anotações ficaram restritas ao caderno de campo. Excepcionalmente, duas entrevistas foram gravadas: uma com educadoras do Centro POP e a outra com o Alemão⁷. A entrevista com o Alemão se deu no seu barraco/casa, localizado em uma ponte da Zona Industrial Norte de Joinville e foi o único encontro realizado fora das dependências do Centro POP,

Para esse trabalho, todos os nomes e apelidos foram substituídos por nomes comuns, afim de preservar a identidade dos entrevistados. As falas dos entrevistados, retiradas das anotações do caderno de campo, irão aparecer em itálico ao longo do texto. Também é preciso esclarecer quemuitas vezes os entrevistados não estavam sozinhos e a conversa era interrompida por outros sujeitos. Ademais, devia ser breve nas minhas abordagens pois o tempo de entrevista era curto, ficando restrito ao período de espera dos atendimentos ou enquanto durasse a curiosidade do interlocutor. Essa inconstância será percebida ao longo do texto, pois alguns sujeitos irão aparecer apenas uma vez de forma muito breve ou nem irão aparecer, enquanto outros se repetem. Talvez isso torne a leitura um pouco confusa, mas é um efeito inevitável. A seguir, o texto apresenta blocos que marcam os transbordamentos dos encontros, aquilo que ficou de mais forte de cada movimento-processo de cartografia andarilha.

Aprendizagens de sobrevivências

Os processos de aprendizagem, inseridos no contexto do habitar a rua, surgem em constância com o instinto mais primitivo de qualquer ser vivo: sobreviver, manter-se vivo. Organizando o seu cotidiano através de práticas diversas, habitantes de rua movem-se de

⁵O Centro POP é vinculado à Secretaria de Assistência Social dos municípios.O Centro POP fornece café da manhã, banho e espaço para lavar e secar suas roupas, além de serviços para o auxílio de documentação e passagem para cidade de origem. Para entender melhor sobre as diretrizes do Centro POP, cf. SCHULZE (2015).

⁶ Todas entrevistas foram feitas por Carolina D. Schulze sozinha. “Como faria as entrevistas sozinha, tive receio em fazer as abordagens diretamente na rua por medo em não saber como seria recebida. Talvez esse meu medo estivesse carregado de estigmas que acompanham os moradores de rua, mas não conseguia simplesmente deixar de senti-lo. Foi então que resolvi buscar por serviços sociais que atendessem pessoas em situação de rua de Joinville, assim me sentiria segura e ainda teria a possibilidade de conhecer as políticas sociais do município destinadas às pessoas em situação de rua” (SCHULZE, 2015, p. 55-56).

⁷ Nome fictício.

acordo com as oportunidades fortuitas, deslizando entre regras e valores sociais (BROGNOLI, 1996, p.121).

O movimento nômade dos moradores de rua é marcado, em geral, de forma oposta ao sedentário, que se insere numa lógica de consumo e domesticação. A itinerância propicia e condiciona as práticas sociais dos moradores de rua, tendo início no aprendizado dos mecanismos de sobrevivência. Esses mecanismos também podem ser chamados de viração, no sentido de criatividade e habilidade aprendidas na rua para obter recursos (FRANGELLA, 2010, p.35). A aprendizagem é dada pela experiência da rua, tida através de suas corporeidades, pelo modo de habitar e se compor com a cidade, de sobreviver na errância. Nas palavras de Larrosa (2014, p. 43)

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. E a existência, como a vida, não pode ser conceitualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, possibilidade, criação inversão, acontecimento.

Comer, trabalhar, socializar e buscar abrigo, são formas de aprendizagens da rua adquiridos cotidianamente a partir das contrariedades que esse modo de vida impõe. Conversamos com sujeitos que se adaptaram a esses processos e que preferem viver na rua, é uma questão de escolha. Também conversamos com indivíduos que a vida os levou para rua, mas estão tentando romper com essa situação. Independente dos motivos, os movimentos de aprendizagem começam da primeira noite dormindo ao relento e seguem produzindo vibrações que o acompanham, mesmo que o sujeito deixe de habitar a rua. De acordo com Guilherme Corrêa (2000), trata-se, pois, de um movimento de educação que passa ao largo da noção de escolarização. A educação surge da capacidade cognitiva e construção social do sujeito, aspectos exclusivos da espécie humana e fundamentais na construção cultural. Dessa forma, viver em sociedade implica ser atravessado por situações de educação que envolvem as relações entre sociedade e indivíduo, do indivíduo para com o outro, e do indivíduo com o espaço habitado. Educação, portanto, diz respeito a todo e qualquer processo capaz de causar alguma modificação no sujeito a partir das suas relações sociais e com o meio.

Ainda de acordo com Corrêa (2000), o conceito de escolarização, por sua vez, é também educação só que vinculada a objetivos institucionalizados, cuja finalidade é a uniformização do indivíduo e, por consequência, da sociedade. A escola opera como aparelho subordinado ao poder em vigência (religioso e/ou político e/ou econômico), atuando na ‘fabricação’ de indivíduos ideais na lógica desses poderes, resultando numa padronização social. A escolarização tem como finalidade a formação daquilo que Foucault chamou de corpos-dóceis, enquanto que a educação não.

É preciso então uma educação que nos desperte, que abandone as referências fixas dadas pela informação, que não esteja atada às sequências de conteúdos estabelecidos nem às avaliações que verificam as quantidades de informações adquiridas, mas que possa ser atravessada pelo movimento turbilhonar das forças do mundo (PREVE, 2013, p. 275).

Para nos aproximarmos dessas vivências da rua, faz-se necessário o uso de uma escala específica, mais próxima da perspectiva do sujeito e das suas conexões com o mundo, e é essa escala que permite turbilhonar as forças que movem a cartografia, a

geografia e o seu ensino. Nessa perspectiva, “[o] ensino de geografia como reivindicação do cotidiano e das formas de perceber e representar o espaço, no qual o sujeito se coloca como centro relativo de uma geografia, permite o movimento de sair de si, de seu entorno, para conhecer outras geografias” (NUNES; REGO, 2011, p. 104). Devemos nos aproximar da escala da rua, da escala feita das composições desse habitar. Uma escala feita de andanças e sobrevivências.

Territórios nômades

Diariamente no Centro POP, um café da manhã é servido para os moradores de rua cadastrados no serviço social. Eles chegavam sempre acompanhados de suas inseparáveis mochilas, sacolas ou carrinhos. Numa manhã, Celso chega no refeitório caçoando Antônio que carregava uma mochila preta aos farrapos: “*Olha, meu galo tá mal, mas o teu Antônio, tá bem pior!*”. O termo *galó* é usado para designar mochila ou sacola onde carregam seus pertences. Alguns também chamam de *galo-de-briga*, porque carrega/aguenta de tudo.

Aproximando-se de Antônio, ele conta o aconteceu com sua mochila. “*Roubaram meu galo, fiquei sem. É sacanagem pegar o galo do outro, a gente já não tem nada, o que tem carrega nas costas e aí vem um cara e leva embora? Não dá! Nesse dia fiquei só com a roupa do corpo. Tudo o que preciso tem no galo. Algumas coisas deixo lá no mocó, mas o essencial, aquilo que eu preciso mesmo, tá aqui comigo. Não vou mentir pra ti, roubei sim, precisava das minhas coisas de volta. Arranjei esse galo num lixeiro, depois fui no B. e peguei o que faltava: chocolate, sabonete, canivete e umas coisas pra fazer meu artesanato. Só que me pegaram, viram que eu tava roubando, saí correndo. No meio da confusão machuquei meu braço e tive que largar umas coisas no caminho, mas eles não me pegaram. Agora não posso entrar no B. por um tempo, até os guardas esquecerem da minha cara. No M. também não posso ir, já me pegaram lá também. Mas ficar sem galo não dá, tinha que me virar*”.

Um *galo* carrega todos os itens indispensáveis para sobrevivência na rua. Para Matias o que não pode faltar são roupas, *coruja*⁸ e um bom garfo, que pode servir como arma se for preciso. Maria diz que não pode faltar um kit de higiene pessoal e toalha. Antônio, isqueiro e um bom alicate. Dona Ana não anda com mochila, mas sempre leva para o Centro POP uma sacola com a muda de roupa que vai usar depois do banho. Seu Chico não tem galo, mas tem um carrinho onde leva um pouco de tudo: material reciclável, um pedaço de lona para fazer abrigos provisórios, roupas, material para artesanato, “*não cabe tudo isso em uma mochila, tem que ser no carrinho mesmo*”.

Mochilas, *galos*, sacolas ou carrinho, independentemente do tamanho ou do nome, são a materialidade das forças que dão identidade as andanças nômades, tanto nas cidades quanto nas estradas. Segundo Antônio, “*não importa pra onde eu vá, se meu galo estiver comigo me viro com o que tem ali dentro*”. Os *galos* não levam apenas objetos materiais, em sua bagagem cabem as lembranças e experiências vividas, e é a partir daquilo que carregam (ou que passam a carregar) que conseguem construir um lugar (enquanto espaço vivido e percebido) para si em meio a malha urbana. “Não se compõe o lugar com uma matéria que tem uma forma, ou seja, com linhas duras... ou mesmo com uma forma

⁸ Apelido com origem nos presídios para cueca.

preenchida de matérias, mas com estas formas e matérias desmanteladas. Há antes o desmonte e o que vai e vem são partículas que giram sem um centro de antemão” (FERRAZ, 2005, p. 38). Para sobrevivência na rua é preciso desmanchar para poder construir algo, bordar no estriado um espaço liso. “É como se o espaço liso se destacasse, saísse de um espaço estriado, mas havendo uma correlação entre ambos, um retomando o outro, este atravessando aquele e, no entanto, persistindo uma diferença complexa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 195).

Outra forma de se compor com o espaço que habitam é através dos *mocós*, locais escolhidos para dormir ou passar a noite. Visto que podem sofrer algum tipo de agressão enquanto dormem e que correm o risco de serem roubados, habitantes de rua dão preferência para locais que lhes forneça certa segurança, por esse mesmo motivo, não é comum que digam a localização exata dos seus *mocós*. Matias dorme nos fundos do estacionamento de uma lanchonete, onde tem um vigia a noite e o dono do local autorizou sua permanência. Esses também são os lugares preferidos por Maria, que dorme no guarda-volumes da rodoviária com permissão do guarda. Os *mocós* podem variar de local constantemente ou acabam se fixando por um tempo, de qualquer modo, a permanência é imprecisa: “*nunca se sabe né? Hoje tenho garantido, mas amanhã pode mudar de gerente e o cara me manda embora. Por isso tem que ter sempre outro lugar de reserva*”, explica Matias.

Essas ocupações que se passam em uma escala muito reduzida caracterizam aquilo que Marcelo Lopes de Souza (1995, 2006, 2009) chamou de nanoterritórios. Tratam-se de territórios extremamente pequenos, diminutos; cujas fronteiras englobam uma rua ou um trecho de rua, uma praça, a moradia, local de trabalho, entre outros. “É a escala, por excelência, dos oprimidos e de suas táticas, com suas resistências quotidianas inscritas no espaço ou expressas espacialmente” (SOUZA, 2009, p. 67). Normalmente, tal escala não aparece em estudos geográficos – que se atentam a escalas com maior abrangência –, sendo mais comum encontrá-la em trabalhos etnográficos. Entretanto, essa escala é primordial no estudo com esse segmento social, pois é pertinente a relação entre grupos ou indivíduos que “podem vir a interagir, por um dado momento, esporádica ou regularmente, em um espaço muito pequeno, com consequentes situações de negociação e conflito em torno do desfrute e da apropriação do espaço” (SOUZA, 2006, p. 318).

É sabido que o território é fundamentalmente “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p.78), mas é importante ressaltar que território e substrato material não são sinônimos. Reduzir o território a um tipo de recorte específico – aquele definido pelo Estado-nação, ou seja, ‘território nacional’ concebido através do seu exército e acesso aos recursos e riquezas de um país – é cair no erro de ‘coisificar’ o território (SOUZA, 2009). “A existência do território é impossível e inconcebível sem o substrato espacial material, [...] ao mesmo tempo, porém, o território não é redutível ao substrato, não devendo ser com ele confundido” (SOUZA, 2009, p. 66).

Tanto *mocós* quanto outras formas de ocupação do espaço (casas abandonadas, barracas improvisadas, bancos de praça) podem ser considerados formas de resistência, pois os habitantes das ruas se apropriam (ou reapropriam) de espaços públicos e fazem uso como se fosse um espaço privados. Alemão montou sua barraca em cima de uma ponte, nas proximidades das universidades. “*Se eu morasse embaixo da ponte, os ricos daqui iriam fazer igual o Kassab fez em São Paulo, iriam fazer rampas de concreto pra não poder ficar mais. Se eu ficar na calçada, eles fazem canteiro ou colocam grades, como se isso fosse me*

impedir. Por isso viz a barraca em cima da ponte, aqui é leito do rio, área de marinha, ninguém pode me tirar daqui”.

Alemão mostra orgulhoso a estrutura da sua barraca feita de madeira, lona e materiais de plástico. A barraca possui até uma calha para coletar a água da chuva, usada para lavar roupa e tomar banho. Há sete anos Alemão resolveu morar na rua e parar de consumir, não queria mais contribuir para a exploração capitalista. *“Estou totalmente descapitalizado. Eu escolhi essa vida, muitos não escolhem, mas eu quis morar aqui. Hoje estou devidamente adaptado a essa ponte e a morar na rua”.* Alemão se mudou para a ponte onde vive hoje há aproximadamente um ano, neste tempo, ele conta que já teve que resistir a muitas tentativas de tirá-lo dali. *“Quando me mudei isso aqui estava tapado de árvores, minha barraca estava sempre na sombra. Agora você pode ver que cortaram todas as árvores em volta pra tirar minha sombra. Também já apareceu gente querendo me mandar embora, mas a ponte é pública, eles não podem me tirar. Não sou criminoso, não podem me prender”.*

Observar o que se passa com ‘o mundo da vida’, com o cotidiano dos indivíduos e grupos sociais, sobretudo em uma grande cidade contemporânea e em escala geográfica muito reduzida, [...] nos leva a experimentar, em matéria de ‘campos de força’ do poder especializado – em outras palavras, em matéria de territórios –, realidades espaço-temporais bem diferentes da aparente fixidez das fronteiras estatais” (SOUZA, 2009, p. 67)

“Fazer um território, fazer uma casa ou um nicho é como eu deixar claro que ali vive alguém, vive alguma coisa” (FERRAZ, 2005, 35). Moradores de rua buscam por brechas na cidade, lugares recônditos, espaços ociosos. Se instalam em lugares destinados à passagem de pessoas e carros. Dormem em calçadas, sob pontes viadutos, marquises. Constroem um lugar próprio, mesmo que provisório, que violam os sentidos impostos pelo planejamento urbano. Fazem de lugares públicos suas instalações domésticas (FRANGELLA, 2009, p. 39).

Os habitantes de rua não são os únicos que traçam linhas nômades na cidade (basta evocar imagens de ciganos e indígenas, por exemplo), mas sua especificidade está em perverter, de forma substancial, as dimensões pública e privada das cidades e de suas vidas. São capazes de produzir cidades nômades na cidade estriada, construindo nanoterritorialidades por onde quer que seus pés os levem. Caminham e subvertem a cidade até que ela se torna apenas um substrato carregado de andanças e errância.

Mas é preciso prosseguir, caminhar um pouco mais, e nos perguntarmos o que acontece quando olhamos a cidade, a Geografia e a Educação desde a tensão entre as práticas/estilos do andarilho/nômade e as coações de que é alvo. Pois é aí, na tensão do embate, que se põe a mostra um modelo de habitar, forçando-nos a aprender, quem sabe, uma mudança de limiar em que a própria Geografia, a cidade e a Educação se perguntam se o que dizem e fazem funciona ou não, em outras palavras, “se ganha vida ou permanece morto” (GUATTARI, 1992, p.178).

Para onde essa andança nos leva?

Talvez essa perspectiva não cativa tanto e nem todos os geógrafos, mas, com certeza, exprime a potência da geografia na sua relação com os não geógrafos e com modos de pensamento que são, eles mesmo, os antípodas de abordagens

mais confortáveis – e assim a geografia se encontra com a filosofia, a música, a literatura, a pintura.

(Ana Godoy 2013, p. 221)

Incontestavelmente, os indivíduos que compõe o segmento social dos habitantes de rua estão inseridos em condições socialmente e politicamente estabelecidas que lhes escapa ao controle, mas que são combatidas a partir das suas composições com o espaço que habitam. Através de suas práticas de sobrevivência, resistem e combatem as forças que os repelem. “Combate sem trégua, sem objetivo, sem território a conquistar, movidos apenas pela luta em si, por um fazer e desfazer de si e do outro. Dominados sim, não passivos ou dóceis [...]” (BROGNOLI, 1996, p. 122).

Habitantes de rua moldam seus corpos e territorialidades a uma geografia urbana que os ampara e os repele. As forças do discurso do bem e do mal não são ingênuas, produzem efeitos concretos que jogam à margem tudo aquilo que é estranho (causador de repulsa ou medo) para sociedade domesticada. A partir de uma geografia e uma cartografia compostas dos traços errantes da rua, buscou-se mostrar esses territórios marginais que só aparecem em escala muito específica.

A rua e a cidade podem ser vistas sob diversos prismas, escolhemos olhar sob o prisma de quem tem a rua, a estrada e a cidade como morada. Esses escritos fazem parte de uma geografia outra, uma geografia da rua, composta por mosaicos dos saberes de rua. A partir desses mosaicos, mostramos aqui uma cartografia menor, uma cartografia andarilha, feita ao longo do processo de andança dessa pesquisa e que nos releva traços da peculiaridade do habitar a rua. As fotografias-mapas não mostram apenas *galos* ou *mocós*, elas nos revelam as aprendizagens de sobrevivência, aprendizagens de rua.

É a força de construir para si uma casa com rejeitos urbanos que faz com que habitantes de rua não se diferenciem do território que recortam para si, da casa que montam, das marcas expressivas que constituem sua assinatura no mundo e que inventam desafiando o possível para viver, mover-se, combater. Em meio aos restos, iniciam um novo ciclo de combinações com os materiais descartados que recolhem ao andar pela rua.

Talvez um dia possamos nós também seguir nosso caminho carregando apenas um *galo*, levando apenas aquilo que é vital para nossa vivência. Até lá, seguimos com a certeza de que a rua não pode mais ser vista apenas como um tapete negro de asfalto, passamos a conhecer uma rua composta de vidas e sobrevivências, passamos a ver nos recantos da rua a

possibilidade de uma casa ou um *mocó* feitos apenas com o corpo e aquilo que se carrega ou que estava em mãos. “[F]alamos de construir o lugar, de fazer um canto, de girar em torno de um centro, e tudo isso só surge porque, antes do lugar, está a presença constante de linhas que me tiram do lugar. Que linhas são essas?” (FERRAZ, 2005, p. 38). As linhas das ruas estão postas aqui para nos fazer seguir com a andança, pois, assim como o caminhar dos moradores de rua, essa pesquisa não possui ponto final, apenas pontos de parada que devem ser abandonados quando um novo rompante de força surge.

ATLAS: CARTOGRAFIAS ANDARILHAS [OU CONSIDERAÇÕES FINAIS]



Fotografia-mapa 01 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 02 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 03 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 04 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 05 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 06 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 06 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 06 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC



Fotografia-mapa 06 | Fonte Carolina Datria Schulze | Centro POP | Joinville-SC

Bibliografia

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

CORRÊA, Guilherme C. O que é a escola? In: PEY, Maria Oly. **Esboço para uma história da escola no Brasil: algumas reflexões libertárias**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERRAZ, Sílvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** – um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FRANGELLA, Simone M. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

GIRARDI, Gisele. Política e potência das imagens cartográficas na geografia. In: **Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 69-85.

_____. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pro-Prosições**. Campinas, v. 20, n°3(60), 2009. p. – 147-157.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: Notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: **Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 209–234.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção Educação: experiência e sentido, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NUNES, C. X.; REGO, N. As geografias do corpo e a educação (do) sensível no estudo de geografia. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 86-107, jan./jun. 2011

OLIVEIRA JR., Wanceslao M. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. In: **Revista Geografares**, n°12, p. 01-49, 2012.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PREVE, Ana Maria H. **Mapas, Prisões e Fugas:** cartografias intensivas em educação. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, Marcelo L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

_____. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In. SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (orgs.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular/ Programa de Pós-Graduação em Geografia UNESP, 2009. p. 57-72.

_____. **A prisão e a ágora:** reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SCHULZE, Carolina Datria. **Geografias de uma cidade não vista:** composições e ocupações do espaço urbano por moradores de rua. Florianópolis, SC, 2015. [Monografia] Universidade do Estado de Santa Catarina.

SCHULZE, Carolina D.; PREVE, Ana Maria H. Experimentações em educação e geografia: sabedorias de rua. In: **Anais III Colóquio Internacional A educação pelas imagens e suas geografias,** Vitória/ES, 2013.

_____. Cartografando moradas de rua: mapas preliminares de uma cidade que não se vê. **Revista Geografares,** edição especial, p. 163-181, 2014.